

**LEI N.º 1423, DE 29 DE NOVEMBRO DE 1955****Denomina "José de Oliveira Santos" a uma rua da cidade**

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "JOSE DE OLIVEIRA SANTOS" a Rua 18 do Jardim Bela Vista (continuação), que tem início na Rua Leonardo Da Vinci e término na Rua Dr. Vital Brasil.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 29 de novembro de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 29 de novembro de 1955.

O.º Diretor-Substituto (a.) — *Alvaro Ferreira da Costa*.

José de Oliveira Santos, o Santão do "CORREIO"

— Júlio Mariano —



Por todo o decorrer do presente século, numerosos foram os redatores, alguns dentre eles articulistas dos mais brilhantes, que contribuíram, cada qual com a sua parcela de atividade, para o renome que ainda hoje desfruta a imprensa campineira em todo o interior do Estado. No entanto, dos muitos gerentes que aí passaram pelas nossas empresas jornalísticas, "cavando" anúncios e amalhando moedas da venda avulsa para o sustento do mesmo jornal, não mais de dois nomes se avultam na crônica de igual período: Antônio Franco Cardoso, o Cardosinho do antigo "Diário do Povo", e José de Oliveira Santos, o Santão das duas fases do "Correio Popular". E' que, ambos dotados de espírito prático e larga visão para os negócios, foram os homens realistas em o período de transição de nossa imprensa.

CARACTERISTICOS DO JORNAL ANTIGO

O jornal antigo, a bem dizer, ignorou a personalidade do gerente.

Ao tempo da imprensa romântica, cujos resquícios perduraram entre nós até início do segundo quartel do século, senhor absoluto porta adentro do jornal era o redator-chefe. Orientador político da fôlha ao seu encargo, da qual, não raro, era o próprio dono, articulista para os editoriais polêmicos ou doutrinários, se revestia o redator-chefe de autoridade o bastante para o mando e desmando. Perante ele, ou suas ordens, haviam de curvar-se os companheiros de redação, o pessoal (numeroso) das oficinas de composição e impressão e também o gerente com os minguidos auxiliares da administração.

Em verdade, a disciplina se mantinha fácil, porquanto a obediência ao redator-chefe se firmava na tradição. Engajados todos a serviço de uma só bandeira, de um único ideal político, redatores, auxiliares de administração e pessoal das oficinas constituíam uma só família, unida, coesa. A imposição de um chefe estranho a esse meio, acenando crédito político diferente do até então mantido pelo jornal, poderia ser causa de rebelião. A propósito, vem a talhe de foice rememorar um fato histórico, que data precisamente de meio século, hoje relegado ao esquecimento para o completo desconhecimento da nova geração de jornalistas.

Morto repentinamente Henrique de Barcelos, campeão das causas populares, redator-chefe e fundador do vibrante "Comércio de Campinas", de que era igualmente proprietário, houve por bem a viúva Barcelos convidar para a chefia do jornal o Dr. Ernesto Kuhlmann. Tratava-se de brilhante intelectual, mas político militante na grei perrepeista, situacionista. E o maior pecado estava nisto. Donos do governo municipal os maiores perrepeistas, de longe que vinham sendo alvo das mais acerbas críticas de Barcelos e companheiros de tenda jornalística, revidando ferozmente pelas colunas da "Cidade de Campinas", onde



núncios levados ao balcão e distribuindo, aos sábados, desde que possível, os vales reclamados pelo pessoal das oficinas e da redação.

De certo que mais que isso ninguém exigiu do Oliveira Santos, na "Gazeta de Campinas" de 1925 e 1926, redatorizada por Benedito Cavalcante e assistida por Otacilio Camargo, na qualidade de representante do Diretório local do P.R.P.. No entanto, o aprendizado na "Gazeta" lhe seria de muito proveito em futuro não distante.

O "CORREIO POPULAR" DE ALVARO RIBEIRO

Em 1927, Alvaro Ribeiro, ao lançar os fundamentos do "Correio Popular" grande jornal moderno, realizara aventura das mais arrojadas, devido a fortuna de capital empatado, juntamente com o irmão e sobrinho, Antônio Ribeiro Júnior e Ademar Ribeiro. Maquinário e instalações do "Correio" revolucionaram a imprensa da terra, mas o jornal por longo tempo foi circulando deficitário, com o esbarrondante das despesas obrigatórias. Urgia a conquista do campo não apenas dos leitores e assinantes, mas acima de tudo o da publicidade em larga escala. A moderna imprensa reclamava administração ativa. Em 1928, a convite do Alvaro Ribeiro, ingressava na gerência do "Correio Popular" o José de Oliveira Santos, que passou a palmilhar ruas, com uma pastinha debaixo do braço, a angariar anúncios...

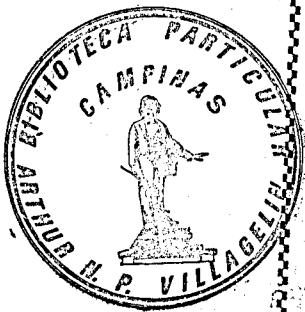
Em 1929, desaparecido Alvaro Ribeiro, prosseguiu a empresa jornalística com o ativo e passivo sob a responsabilidade de Tonico Ribeiro

das tropas ditatoriais. Mas até à tarde Campinas ficou ao Deus dará.

A paixão política se apossando, na cidade despolicada, houve quem arrastasse um grupo desordeiro ao assalto do "Correio Popular", que nos derradeiros meses se fizera a voz inflamada da revolução na "Princesa D'Oeste". Não seriam muitos, os tais arregimentados na via pública para o empastelamento do jornal, mas aconteceu de defrontar com eles, na esquina Conceição-Francisco Glicério, o José de Oliveira Santos. Não mais que gerente da fôlha, mas com o senso de responsabilidade, o Santão não titubeou em aguentar firme o bando. Sem ser brigão, plantou o vulto alentado ao meio da rua, amarrou carranca de ferrabras e agarrou pela gola o chefe da malta. Esbugalhando, depois, os olhos sobre o fulano, bufou o Oliveira Santos:

— Meto uma bala no primeiro que se achar da porta do "Correio"!

Ninguém viu o revólver. Mas a chusma dispersou, mesmo porque não se tratava de pilhar mercadoria, como no Matarazzo, e sim depredação de jornal. No entanto, nos dias seguintes, por via das dúvidas, tomou o Santão umas quantas providências. Descendo diariamente a Rua Dr. Quirino, em companhia do filho (o Wilson), rapazola, o Oliveira Santos trazia na mão um saquinho aberto de biscoitos e, entre os biscoitos, um revólver carregado. Para melhor disfarçar a coisa, mastigava os biscoitos pelo caminho... Felizmente o gasto foi apenas dos bis-



com cé minguados auxiliares da administração. Em verdade, a disciplina se mantinha fácil, porquanto a obediência ao redator-chefe se firmava na tradição. Engajados todos a serviço de uma só bandeira, de um único ideal político, redatores, auxiliares de administração e pessoal das oficinas constituíam uma só família, unida, coesa. A imposição de um chefe estranho a esse meio, acenando crédito político diferente do até então mantido pelo jornal, poderia ser causa de rebelião. A propósito, vem a talhe de foice rememorar um fato histórico, que data precisamente de meio século, hoje relegado ao esquecimento para o completo desconhecimento da nova geração de jornalistas.

Morto repentinamente Henrique de Barcelos, campeão das causas populares, redator-chefe e fundador do vibrante "Comércio de Campinas", de que era igualmente proprietário, houve por bem a viúva Barcelos convidar para a chefia do jornal o Dr. Ernesto Kuhlmann. Tratava-se de brilhante intelectual, mas político militante na grel perrepista, situacionista. E o maior pecado estava nisto. Donos do governo municipal os maiores perrepistas, de longe que vinham sendo alvo das mais acerbos críticas de Barcelos e companheiros de tenda jornalística, revidando ferozmente, pelas colunas da "Cidade de Campinas", onde pontificavam os Lobo. O ódio entre situacionistas e oposicionistas se fizera de morte. A imposição, pois, do novo chefe, à equipe do "Comércio", e chefe procedente da banda de lá, fazia crer em conchavo, reviravolta política, e provocou explosão no seio da empresa. Redator-auxiliar do "Comércio de Campinas", Alvaro Ribeiro comandou a rebelião contra o ato da viúva Barcelos, demitindo-se e arrastando atrás de si redatores outros e o gerente ou chefe das oficinas Antônio Franco Cardoso.

Alguns meses ou semanas decorridos, fundava Alvaro Ribeiro o "Diário do Povo", de parceria com Franco Cardoso.

Mas contemos do José de Oliveira Santos, que é história à parte.

A "GAZETA DE CAMPINAS", NA QUAL OLIVEIRA SANTOS INICIOU GERENCIA.

A "Gazeta de Campinas", quando instalada no velho sobradinho da Rua Dr. Quirino, não cogitava de problema mais sério que o da política. Jornal bem feito, não resta dúvida, servido por boas pepas e agasalhando em suas páginas domingueiras bonitas colaborações literárias dos novos, relegava as próprias finanças a um segundo plano. Órgão oficial do Partido Republicano Paulista, era o bastante que fizesse para a cobertura das despesas. A folha avulsa se adquiria a tostão o exemplar, quando os demais jornais eram oferecidos a duzentos réis. Em sobrando dinheiro, gastava-se em festas — jantares ou heberetes, de quando em vez, reunidos os auxiliares todos do jornal, a começar pela turma das oficinas, em alegre camaradagem com os diretores, colaboradores e um ou outro gráudo da grel política, previamente convidado.

Curioso! Foi nessa "Gazeta" do fortunas e esbanjamento de economia, que aí por 1924 ou 1925 apontou um dia o Oliveira Santos futuro gerente. Em aquela época tudo desconhecendo das coisas do jornal, mormonto de publicidade, o Santão iria fazer ali o aprendizado de gerente, controlando a distribuição...

De certo que mais que isso...
Rua...
Santos, na "Gazeta de Campinas" de 1925 e 1926, redatorada por Benedito Cavalcante e assistida por Otacílio Camargo, na qualidade de representante do Diretório local do P.R.P.. No entanto, o aprendizado na "Gazeta" lhe seria de muito proveito em futuro não distante.

O "CORREIO POPULAR" DE ALVARO RIBEIRO

Em 1927, Alvaro Ribeiro, ao lançar os fundamentos do "Correio Popular" grande jornal moderno, realizara aventura das mais arrojadas, devido a fortuna de capital empatado, juntamente com o irmão e sobrinho, Antônio Ribeiro, Júnior e Ademar Ribeiro. Maquinário e instalações do "Correio" revolucionaram a imprensa da terra, mas o jornal por longo tempo foi circulando deficitário, com o esbarrondante das despesas obrigatórias. Urgia a conquista do campo não apenas dos leitores e assinantes, mas acima de tudo o da publicidade em larga escala. A moderna imprensa reclamava administração ativa. Em 1928, a convite do Alvaro Ribeiro, ingressava na gerência do "Correio Popular" o José de Oliveira Santos, que passou a palmilhar ruas, com uma pastinha debaixo do braço, a angariar anúncios...

Em 1929, desaparecido Alvaro Ribeiro, prosseguiu a empresa jornalística com o ativo e passivo sob a responsabilidade de Tonico Ribeiro e Ademar Ribeiro. A consolidação do jornal se procedia lentamente, com o Oliveira Santos a desdobrar-se em busca de anúncios.

Nove anos mais tarde, isto é em 1938, nova fase se abria ao "Correio Popular", adquirido por uma Sociedade Anônima, da qual fôra penhor de garantia e também acionista o gerente Oliveira Santos. Desd'á, tudo no "Correio" evoluiu aos saltos, resultando a atual potência jornalística.

Nem tudo, porém da vida de imprensa do José de Oliveira Santos diz de finanças e coisas de publicidade paga. Existe algo mais, que permanece inédito e convém relatar.

O FINAL DA REVOLUÇÃO DE 32

O capítulo da Revolução de 32, entrelaçado à crônica do "Correio Popular", já foi objeto de escrito nos "Traços e Ferfís", quando focalizamos a atuação e personalidade do redator-chefe Aristides Lemos. Pontuado aquele escrito em a noite de 30 de setembro de 1932, véspera da entrada das tropas ditatoriais em Campinas, resta relatar o que aconteceu desde a manhã de 1.º de outubro, do mesmo e trágico ano da revolução.

Cidade inteiramente abandonada de policiais e autoridades, as famílias em pânico, o comércio de portas fechadas, os desordeiros e malandros se arregimentaram para o saque, na certeza de que o roubo e depredações permaneceriam impunes.

Rua comercial por excelência, a 13 de Maio, foi a preferida para o início da pilhagem, em pleno dia, 8 ou 9 horas da manhã. Com o sentido de atrair o povo, a massa, pelo estômago, arrombou-se o grande armazem Matarazzo, e tudo do mercadorias ali existente foi posto à disposição de quem a desejasse carregar. Muitos pobres diabos, sem distinção de idade ou sexo, invadiram o armazem, e longa fila de formigas humanas, em baldeação de caixotes, latarias, pacotes de mercadorias diversas e até vassouras, partindo do alto da Rua 13 de Maio se escoa-va por aquela via, rumo aos bairros.

Temerosas de que a anar-

ciada houve quem arrastasse o desordeiro ao assalto do "Correio Popular", que nos derradeiros meses se fizera a voz inflamada da revolução na "Princesa D'Oeste". Não seriam muitos, os tais arregimentados na via pública para o empastelamento do jornal, mas aconteceu de defrontar com eles, na esquina Conceição-Francisco Glicério, o José de Oliveira Santos. Não mais que gerente da folha, mas com o senso de responsabilidade, o Santão não titubeou em aguentar firme o bando. Sem ser brigado, plantou o vulto alentado ao meio da rua, amarrou carranca de ferrabrás e agarrôu pela gola o chefe da malta. Esbugalhando, depois, os olhos sobre o fulano, bufou o Oliveira Santos.

Meto uma bala no primeiro que se chegar da porta do "Correio!"

Ninguém viu o revólver. Mas a chusma dispersou, mesmo porque não se tratava de pilhar mercadorias, como no Matarazzo, e sim depredação de jornal. No entanto, nos dias seguintes, por via das dúvidas, tomou o Santão umas quantas providências. Descendo diariamente a Rua Dr. Quirino, em companhia do filho (o Wilson), rapazola, o Oliveira Santos trazia na mão um saquinho aberto de biscoitos e, entre os biscoitos, um revólver carregado. Para melhor disfarçar a coisa, mastigava os biscoitos pelo caminho... Felizmente o gasto foi apenas dos biscoitos.

Outra ameaça pairou ainda sobre o "Correio Popular", em aqueles dias de derrota e angústia. Cidade ocupada mas sem nenhuma folha em circulação, houve quem sugerisse ao Comando Militar apossar-se do jornal, para uso próprio. Chegada a ameaça ao conhecimento do Oliveira Santos, tomou por si a decisão de botar o jornal na rua. Completo o pessoal todo das oficinas, a dificuldade estava na redação, de cujos auxiliares só restava à mão o reporter policial, autor destas linhas. Mesmo assim, fez-se o jornal, que reapareceu pobre e mambembe, a 5 de outubro.

Firmando o nome no cabeçalho como Redator-Chefe Interino, o Oliveira Santos entendeu que o "Correio" deveria manter-se paulista, como o fôra sempre, sem nenhum ataque mas também sem nenhum elogio aos ditatoriais vencedores da campanha. E tinha mesmo o desprante, o Redator-Chefe Interino, de recusar publicação de quaisquer artigos dos oficiais aqui aquartelados, sob a alegação de que não havia espaço... E de quando em vez, subindo à sala da redação, onde se afo-ava o reporter com o noticiário, solicitava o Santão:

— Dê um jeito de escrever, aí, um artigo sentimental a favor de São Paulo...

E nós redigimos, entre outros artigos da coluna de editoriais, o "Depois do Fim" e o "Mea Culpa", que muito deram que falar.

Mas não houve prisão nenhuma e muito menos espingardamento do Redator-Chefe Interino ou do reporter guindado a articulista. Militar dos mais brilhantes e nobres, o oficial comandante das tropas ditatoriais aquarteladas em Campinas, após a derrota de São Paulo, soube ser humano e acima de tudo brasileiro. Fechou os olhos aos nossos resmungos de constitucionalistas vencidos.

Meses depois, retiradas as tropas de ocupação da cidade, Campinas retornando à normalidade, apeou o Santão de seu posto de Redator-Chefe Interino, do jornal, para continuar as lides de pacífico mas ativo gerente. E o "Cor-



terça-feira, 26 de junho de 1979

JOSÉ DE OLIVEIRA SANTOS

O grande lidador do Correio Popular



Há 25 anos, precisamente nesta data, 26 de junho, rodeado do carinho de sua esposa, filhos e netos, extinguia-se José de Oliveira Santos, o Santão do "Correio Popular", como era geralmente conhecido de toda Campinas.

Incomparável lidador de duas fases distintas desta folha, da qual foi o Diretor-Gerente, com o seu desaparecimento deixou o velho Oliveira Santos um claro na administração do jornal de não fácil preenchimento. De espírito prático por excelência, com larga visão dos negócios, relacionado e estimado em meio a todas as classes sociais, era ele como que o homem-chave para a

manutenção do "Correio", para cuja grandeza de jornal moderno, vanguardeiro no interior do Estado, contribuía com dezenas de anos de ininterrupta atividade.

Mas, rememoremos a largos traços o como José de Oliveira Santos se fizera um homem de jornal. Fora ali pelos anos de 1924 ou 1925, na "Gazeta de Campinas", órgão oficial do Partido Republicano Paulista, em nossa cidade, que apontou um dia o Santão feito gerente. Tudo desconhecendo então das coisas de imprensa, inclusive de publicidade, mesmo assim a sua função era múltipla: controlar a distribuição da folha aos assinantes, arrecadar a fêria da venda avulsa cotidiana, receber e anotar os anúncios levados ao balcão, e distribuir, aos sábados, desde que possível, os vales reclamados pelo pessoal da redação e oficinas. Jornal bem feito, sem dúvida, a "Gazeta de Campinas", mas habituada a oferecer aos empregados festanças com beberetes e comilanças em cada feriado e santificado, inclusive Santo Antonio, São João e São Pedro, a vida da folha perrepista eram marcada com um verdadeiro esbanjamento de economia, o que obrigava o gerente Oliveira Santos a procurar a alta administração da empresa em busca da necessária verba, ao fim do mês, para pagamento ao pessoal.

Em 1928, porém, José de Oliveira Santos fora convidado por Alvaro Ribeiro para trabalhar na gerência do "Correio Popular", fundado em 1927, a princípio como angariador de anúncios, palmilhando ruas com uma pastinha debaixo do braço, e mais tarde promovido a gerente.

Nove anos depois, desaparecido desde há muito Alvaro Ribeiro e adquirido o "Correio Popular" por uma Sociedade Anônima, da qual fora penhor de garantia o gerente e acionista José de Oliveira Santos, com a sua tarimba, tudo no jornal deu a evoluir aos saltos, resultando em pouco tempo na verdadeira potência publicitária que ainda é hoje. A empresa não tardou a construir prédio próprio, ampliar as oficinas com novos maquinários, multiplicar suas tiragens.

Em resumo, esta é a história do notável lidador do "Correio Popular". José de Oliveira Santos, desaparecido há 25 anos mas cuja obra aí ficou como um monumento sólido a desafiar o tempo. Nós, que convivemos com o saudoso e extraordinário Santão, em diferentes lutas jornalísticas, reverenciamos hoje sua memória.